



Introdução à mesa redonda sobre a linguagem*

*Michel Ody***, Paris

Este artigo é um desenvolvimento escrito mais detalhado da minha apresentação oral durante o colóquio Homenagem a André Green, onde participei como mediador e debatedor entre o linguista pós-saussuriano Simon Bouquet e o psicanalista pós-lacaniano Patrick Guyomard, ambos interlocutores de peso, principalmente junto a André Green. O artigo pretende mostrar ou, em todo caso, tentar mostrar, o quanto André Green esteve profundamente envolvido, desde há muito tempo, com as relações entre psicanálise e linguística. Ele era exigente, mas ao mesmo tempo não desistia, atravessando períodos entre renúncia e esperança de uma criatividade recíproca.

Descritores: psicanálise e linguística, André Green e linguística, Saussure, Lacan e linguística, reavaliação contemporânea e linguística.

* Esta introdução foi mais desenvolvida aqui que na homenagem prestada em 17 de novembro de 2012.

** Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.



André Green dedicou grande atenção à linguagem, desde aquela dos detalhes da sessão de análise até as teorizações interdisciplinares que preenchem o espaço do *signo no discurso*. Dois momentos importantes foram marcados pelo seu relatório de 1970 sobre o afeto, que se tornou *Le discours vivant* (1973), e pelo seu trabalho intitulado *Le langage dans la psychanalyse*, em 1983. Desde então, a questão da linguagem sempre o acompanhou num ou noutro momento de seus artigos ou livros.

André Green esteve atento à particularidade francesa representada pela complexa contribuição de Jacques Lacan, desde a época em que esteve próximo deste, até o período em que dele se afastou. Mas não nos enganemos, pois, quaisquer que possam ter sido as divergências tanto teóricas quanto práticas, às vezes radicais em certos pontos, Lacan nunca desapareceu dos escritos de Green. Patrick Guyomard (2001, 2005)¹ falará dessa complexidade. Diga-se desde já que ele garantirá esse equilíbrio entre o aporte de Lacan e a crítica a algumas de suas posições, assim como confirmará que a psicanálise contemporânea não pode mais ser a mesma depois da obra de André Green.

Para Green, era necessário estar o mais próximo possível dos textos dos autores essenciais. Ele não esperava que viessem, ia buscá-los, como o fez com os dos linguistas e dos semioticistas. Como explicar de outro modo a presença, inclusive escrita, de tantas mentes conhecidas de diferentes disciplinas em eventos como *Festschrift*, em *Penser les limites* (2002)², escrito em sua homenagem, assim como o volume *Autour de l'oeuvre d'André Green* (Guyomard, 2005)³, publicado depois do colóquio de Cerisy, sem falar dos livros que reúnem os trabalhos dos grandes colóquios, desde aquele de 1989 realizado na UNESCO⁴.

Nesta homenagem a Green, eu estava acompanhado por Simon Bouquet, linguista e grande conhecedor da obra de Saussure, e por Patrick Guyomard, psicanalista e grande conhecedor, por sua vez, de J. Lacan e da obra deste, ambos familiares a A. Green.

O último livro publicado em vida foi *Du signe au discours* (2011), que tem por subtítulo *Psychanalyse et théories du langage*. A obra tem um importante prefácio redigido por Fernando Urribarri, que teve a ideia de propor esse livro a Green para reunir cinco artigos de grande relevância, escritos entre 1997 e 2010.

¹ Destacamos dois artigos anteriores do autor: *Dépasser le but initial* (nb: em Lacan, é claro), in *Courants de la psychanalyse contemporaine*, organizado por A. Green, (2001) e *Place du langage dans la psychanalyse*, in *Autour de l'oeuvre d'A.Green* (2005).

² Delachaux et Niestlé, Paris, 2002.

³ Nota 1.

⁴ *La psychanalyse: questions pour demain*. Monographie de la RFP. Paris: PUF, 1990.



Esses artigos incluem desde *Langage au sein de la théorie générale de la représentation* (1997) até as relações entre teorias da linguagem e psicanálise, em *Théories du langage et psychanalyse. Hésitations et conclusions* (2010), passando por *La voix, l'affect et l'autre* (2005a), fazendo um retorno à negação em *Négation* (2005b), ou *Linguistique de la parole et psychisme non conscient* (2003).

Esclareço que minha presença como introdutor e moderador se deve ao fato de Green me ter proposto o papel de introdutor numa atividade que seria realizada na SPP em torno do seu livro, em setembro de 2011. O agravamento do seu estado de saúde impossibilitou isso.

Como aquilo que estava determinado para a nossa participação evidentemente não constituía o marco destinado a cobrir tanto o conjunto quanto o processo de trabalho de Green sobre a questão da relação entre linguagem e psicanálise, propus, então, a S. Bouquet e P. Guyomard que partissemos desse último livro de Green.

Convém, ao mesmo tempo, juntar a esse livro alguma *produção adjacente* desta última década. É fácil citar, apenas em relação a este período, cerca de quinze textos, tanto de Green quanto de linguistas e semioticistas. Citemos inicialmente o exemplo da soma que representa o *Cahier de l'Herne*, dedicado a Saussure em 2003 e, aliás, dirigido por S. Bouquet⁵. Citemos, por outro lado, o trabalho muito aprofundado de Diatkine, em 2005, intitulado *Freud, Lacan, Green*, em que é trabalhada a questão da relação evolutiva do par *signifiante/significado* relativamente ao par *representante/representado*. Partindo desta evolução, chegaremos, em 2007, seguindo o pensamento de Green, aos três pares metapsicológicos que são *palavras e imagens, afeto e corpo, força e ato*⁶.

Desde *Le discours vivant* (1973), a questão do afeto conduziu Green a orientar-se para as situações marcadas pela problemática dos *limites*, em toda a polissemia do termo. *Penser les limites*⁷ (Botella, 2002) é, então, o título desse volume de mais de 600 páginas em homenagem a Green, provenientes de 10 disciplinas e escritas por mais de 70 autores de 10 países. Correlativamente, a questão das *representações* no sentido da primeira tópica precisava ser revista, inclusive as representações de palavras – portanto, a questão da linguagem – a partir da situação analítica, convém lembrar.

⁵ Além das contribuições de S. Bouquet para essa obra (Editions de l'Herne, 76, 2003), destaquemos *Psychanalyse et linguistique: croisements et rencontres autour d'une crise du sens* (2002b, *op.cit.*), p. 87-101.

⁶ *Langue, parole analytique et absence*, RFP, 5, 2007, p.1466. Escrito no âmbito do relatório para o CPLF, de L. Danon-Boileau, intitulado *La force du langage*, p.1341-1409, mesma RFP, 5, 2007.

⁷ *Op.cit.* nota 2.



Quero dizer que essa questão não era mais tratada unicamente nos mesmos termos do desejo, ao mesmo tempo em que o sentimento de existência (portanto, o seu reverso, o de inexistência) era basal no sujeito. Em outras palavras, *a representação não era mais um dado, tornava-se um resultado*. Foi justamente o que Green nos mostrou (2011), retomando os textos de Freud, a começar por aquele de 1923, *O eu e o id*, em que o termo representação se extingue em proveito da força das moções pulsionais do id.

Seria por isso que a importância do sistema representacional diminui, assim como a da primeira tópica? Certamente não. As duas tópicas não são hierarquizáveis, mas articuláveis. Só que, para isso, existem *condições*⁸. A condição, dinâmica, que acabo de mencionar é um exemplo essencial: a representação, no que se refere à articulação entre primeira e segunda tópica, deve ser entendida não como um dado, mas como um resultado. O tratamento analítico, graças a outras condições que são o seu método e o seu enquadre, mobiliza, pela dinâmica transferência/contratransferência, essa articulação que promove o processo representacional.

Uma das últimas formulações de Green é bastante explícita em relação a esse conjunto:

Com o que a linguagem fala? Certamente não apenas com palavras, mas com palavras investidas de afeto, apoiadas em representações pulsionais conscientes e inconscientes e dinamizadas por moções que a animam. A partir de 1923⁹, são os movimentos da psique que despertam atenção. A representação é o resultado dessa mutação. Não é mais um dado, mas um resultado da moção (Green, 2011, p. 146).

Nos anos 90, os trabalhos de Green sobre o *negativo* e aqueles já em andamento sobre a *terceiridade* e a função do *enquadre*, com suas consequências sobre as *associações* em sessão, questionam o lugar, o papel, a função da linguagem e, mais do que isso, a *relação* entre linguagem em linguística e linguagem em psicanálise.

Quantas vezes, por exemplo, Green deve ter insistido no fato *absolutamente específico da situação psicanalítica*: o enquadre, que inclui uma “fala associativa,

⁸ Podemos observar que a questão das condições é tudo, exceto banal, e em diferentes campos. I. Prigogine e I. Stengers (1983), já em *La nouvelle alliance*, insistiam na caologia nas *condições iniciais*. F. Rastier, nos Cahiers de l’Herne sobre Saussure, insistiu no fato de que, nas ciências da cultura, “temos acesso não a causas, mas a condições: poder discerni-las talvez seja a única coisa que possamos pretender” (p. 300).

⁹ Ano de *O ego e o id*.



o divã, um destinatário fora do alcance da vista” (2011, p. 131-135), e uma sessão com duração determinada, envolvendo os dois protagonistas do tratamento. Este enquadre – destacou o autor há muito tempo¹⁰ – tem um poder *metaforizante*, simbolizante. Ele toma parte numa *transformação da linguagem*, através da *associatividade*¹¹, eu diria, e, para além da *palavra*, na direção do *discurso*, no sentido de que este “passa a ser o da realidade terceira”, isto é, realidade, “nem a do locutor, nem a do destinatário; a criação de um *terceiro ausente*”. Outra citação: “o enquadre faz advir *o outro do objeto*” (p. 120). Lembremo-nos daquela frase de André Green: “a palavra analítica desenluta a linguagem”. Ele mantém todas as formulações¹² no último capítulo de *Du signe au discours* (p. 136).

Esta categoria da *ausência* faz eco, cabe destacar, às considerações que serão aprofundadas, a partir de um Saussure *resgatado* pelo semioticista François Rastier¹³, compartilhado, aliás, com Antoine Culioli e, obviamente, com Simon Bouquet, todos eles muito citados por André Green.

Essa revisão global, forçosamente limitada e condensada, nos leva à segunda parte desta introdução. Vimos que a linguagem na psicanálise, a começar pelo enquadre da sessão, afastou-se cada vez mais de uma perspectiva *científica*, no sentido daquilo que parecia ser mesmo uma ambição para Lacan – que chegou até a trabalhar sobre o *matema* – de alcançar uma ciência capaz de se aproximar das ciências ditas *duras*. É por esta razão que qualquer ambição à cientificidade deve ser excluída da linguística e, *a fortiori*, das relações entre linguística e psicanálise?

Essa questão foi reintroduzida por um fato maior. Na verdade, paralelamente à evolução da psicanálise em geral e da psicanálise de André Green em particular, houve um tipo de revolução ou, em todo caso, uma reviravolta em torno dos textos de Saussure. Caberá a S. Bouquet nos falar dessa aventura de uma abertura capital, que teve uma influência considerável¹⁴ sobre André Green. Essa reviravolta fez com que Green passasse da decepção de constatar, ainda em 1997, que o encontro entre psicanálise e linguística não tivera êxito¹⁵ a outra posição, por

¹⁰ *Le langage dans la psychanalyse*, Les belles lettres, Paris, 1984, p.120.

¹¹ Em que todo e qualquer elemento, positivo ou negativo, desde o psiquismo até o somático, passando pelo comportamental, entra na concatenação. Pode surgir daí momentos de associação livre.

¹² P. 136.

¹³ “Assim, a ausência, entendida como presença negada (em termos lógicos) ou inibida (em termos neuropsicológicos), permanece no fundamento da atividade de linguagem [...]” (os termos foram marcados por mim em itálico), in *RFP*, 5, 2007, p. 1492.

¹⁴ Consultar também *Du langage dans la psychanalyse*. In : *André Green, les grands concepts psychanalytiques*, par G.Pirlot e D. Cupa, p.63-92, Paris: PUF, setembro de 2012.

¹⁵ «Linguistique et psychanalyse se croisent sans se rencontrer», *Du signe au discours, op.cit.*, p. 60.



volta do ano de 2002, em que se esboça uma esperança.

Eu gostaria de ressaltar que já podemos adiantar, no que diz respeito a esse conjunto, que não era mais possível caracterizar R. de Saussure como representante somente da corrente *lógico-gramatical* da linguística, para retomar a distinção feita por François entre esta parte da linguística e aquela *retórico-hermenêutica*¹⁶. O próprio Saussure fazia distinção entre uma *linguística da língua* e uma *linguística da fala*¹⁷. Encontramos, então, aqui André Green e sua ideia da *dualidade constitutiva da linguagem*. André Green, de novo, no que se refere à heterogeneidade do significante e a muitos outros pontos como, por exemplo, a impossibilidade de separar o significante do significado, o mesmo que Lacan tendia a fazer através de sua famosa formulação de que “o significante é o que representa¹⁸ o sujeito para outro significante¹⁹” (Lacan, 1964, p. 181).

Esta dualidade da linguagem assim resgatada tão profundamente em Saussure reabriu a problemática do *sentido* nas relações entre psicanálise e linguística²⁰. Ficção: Lacan teria evoluído tanto na direção *lógico-gramatical* (para o *matema*) se tivesse conhecido Saussure 1 (conforme o restituiu S. Bouquet no

¹⁶ Se a hermenêutica é mesmo « a arte de interpretar », o *Dictionnaire historique de la langue française* (1998) lembra, por outro lado, que a hermenêutica moderna, com Husserl e Ricoeur, “insiste na divergência e na multiplicação dos sentidos” (Rey et al., 1998, p. 956). Convém lembrar aqui a posição aparentemente paradoxal de J. Laplanche, no Colóquio de Cerisy, em setembro de 1994, sobre o assunto. Ele insistia no “fato de que a descoberta original de Freud é a de um método. Método inédito, ligado à criação, também inédita, da situação analítica” (Laplanche, 1997, p.155). Poderíamos pensar que André Green teria compartilhado desse ponto de vista em grande parte. Mas J. Laplanche vai opor radicalmente tal ponto de vista ao que segue pouco depois: “Ora, essa descoberta é mascarada, encoberta pelo retorno da síntese, da *leitura*, da *hermenêutica*” (ibid, p. 156) (itálicos meus). “Este se denomina inicialmente tipicidade e simbolismo, desenvolvendo-se em seguida nos grandes ‘complexos’. Depois, todos os mitos pretensamente psicanalíticos que nos estorvam” (ibid, p. 156). Sobre isto, não veremos o debate de Laplanche com A. Green, os dois grandes autores tendo falecido num intervalo de alguns meses em 2012.

¹⁷ Ele reivindicava – escreveu S. Bouquet (2002b) em *Penser les limites* – essa *dualidade fundamental da linguística* (itálicos meus).

¹⁸ Foi A. Green, aliás, que assinalou que “a representação é aí reduzida à relação entre dois significantes, mas não pode ser evacuada”, *Du signe au discours*, p.47.

¹⁹ Podemos citar aqui um esclarecimento de Lacan acerca da referida formulação, acrescentado alguns meses mais tarde: “um significante é o que representa um sujeito, *para quem?* – *não para outro sujeito*, mas para outro significante” (itálicos meus). Mais adiante, ele acrescenta: “É disso que se trata na relação do sujeito com o campo do Outro” (Seminário XI, 20.5.1964, p. 181, Seuil, Paris). Podemos compreender melhor aqui que André Green considera as ideias de Peirce muito mais próximas da análise daquelas de Lacan. Ele escreve, de fato, que, no pensamento de Peirce, “é a estrutura triádica do signo que implica a relação do sujeito com um segundo, chamado de seu objeto, para um terceiro, chamado de seu interpretante, o que nos permite chegar à psicanálise”. (*Du signe au discours*, p.47. É importante ler todo o trecho).

²⁰ Sobre o assunto que nos interessa, aconselhamos a consulta a três contribuições do *Cahier de l’Herne*, n. 76, sobre Saussure: *Saussure après un siècle*, (2002a, p.11-15), por S. Bouquet; *Le silence de Saussure ou l’ontologie refusée*, p.23-51, por F. Rastier (2002); *Un linguiste devant les textes saussuriens*, p.137-149, por A. Culioli (2002). Deve-se acrescentar o diálogo de A. Green, F. Rastier e J. Starobinski com S. Bouquet, p. 293-306.



que se refere a esse Saussure resgatado em seus *Escritos de linguística geral*²¹, em relação a Saussure dito 2, de *Curso de linguística geral*, restituído por Sechehaye e Bally)?

O fato é que essa reabertura dos textos saussurianos nos leva ao encontro de célebres linguistas que não se inseriam na lógica de Lacan, ou pelo menos não naquela que se afastava cada vez mais do afeto. Aliás, André Green os relembra: R. Jakobson, no que se refere à “função emocional da linguagem”; E. Benveniste, que situa o inconsciente no nível “infra ou supralinguístico” (Green, 2011, p. 134). De fato, quanto mais avançamos em direção aos linguistas e aos semioticistas contemporâneos, maior é a abertura para o *ambiente*, para o *outro*, evolução esta que, aliás, não é mais específica da psicanálise do que da linguística, uma vez que é encontrada tanto nas ciências humanas quanto nas ciências duras.

Dois exemplos.

A Culioli (2002):

[...] quando Saussure considera que a linguagem consiste em produzir de tal maneira que se reconheça, ele remete ao que eu chamo de *círculo semiótico*: o que é produzido é produzido para ser reconhecido [...] Em outras palavras, trata-se de produzir o transmissível [...] É por isso que concebi o enunciador como um “enunciador coenunciador”. Isso equivale a postular que não há língua sem fala (p. 144).

Saussure²² citado por André Green²³ quando este faz referência – eu diria, em relação ao afeto – ao trabalho de F. Rastier: “...quando ele extrai a ontologia que descobrimos em Saussure com o desamparo e a derrelição, a angústia, a perda das referências aristotélicas, é algo que eu sinto ao ler os textos saussurianos”. E ele acrescenta: “não tão longe de Freud” em todos esses pontos de vista (2003, p. 299). Explica ainda: “O grande mistério, para mim, continuaria sendo ainda as relações da linguagem, do psiquismo e dessa técnica particular que é a técnica da análise da fala analítica como podendo revelar partes da atividade psíquica *que só podem aparecer assim. E não vejo os outros falarem disso*” (grifos meus).

²¹ N.T.: O livro *Escritos de linguística geral* foi organizado por Simon Bouquet e Rudolf Engler (2004) e reúne os manuscritos de Saussure descobertos em 1996 e depositados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra.

²² Por S. Bouquet, *Cahiers de l'Herne*, op.cit. p.13, p. 294. Pelo *Manuscrit de l'Orangerie*, descoberto em 1996, Saussure define a semiologia linguística: “Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc. – *o todo sendo inseparável*” (grifos meus). Isto é, os elementos pertencentes tanto ao campo da linguística sincrônica da língua quanto àqueles, diacrônicos, pertencentes ao campo da linguística da palavra (como estilística, retórica).

²³ *In dialogue* (ver nota 18).



Essa questão é reforçada na psicanálise contemporânea, ao mesmo tempo em que verificamos a abertura para certa reciprocidade com a linguística, esta também contemporânea. É, principalmente, o caso nos últimos dez anos, com os trabalhos de vários linguistas e semioticistas em sintonia com os *Escritos de linguística geral* de Saussure. Como acabamos de rever com A. Green, a especificidade do discurso analítico está na sessão, com tudo o que nela se insere desde o enquadre até o conteúdo, qualquer que este seja.

Mesmo que essa centragem na sessão analítica e suas condições de instauração marquem a transformação do discurso²⁴ – desde suas modalidades neuróticas – já a diferenciar da análise linguística de um texto escrito²⁵, a situação se torna ainda mais complexa quando nos afastamos dessas modalidades, conforme a variedade da psicopatologia.

Basta vermos, por exemplo, o que cita A. Green (2011) sobre Laurent Danon-Boileau, referindo-se a uma constatação deste em seu relatório a partir da clínica. L. Danon-Boileau refere-se a situações distantes dos estados neuróticos: “À escuta de pacientes como esses, o analista diz: ‘Entendo bem o que ele diz, mas não compreendo o que quer dizer, nem por que me diz isso’” (p. 145). Seu último livro (Danon-Boileau, 2012) tensiona ainda mais a clínica que ele expõe a partir de um aspecto fundamental, o do autismo. E como já dizia A. Green, *é um psicanalista linguista que fala*, o que, aliás, não os impedia de debater.

Concluindo provisoriamente, como se diz, e seguindo a direção do *pensamento clínico* anterior, ainda para homenagear André Green, encerrarei com uma vinheta clínica. Não se trata de uma vinheta qualquer, uma vez que é um exemplo de Thomas Ogden, extraído de seu artigo *O terceiro analítico*, de 2004, publicado nos Estados Unidos no *Quartely*.

Trata-se de um paciente que “lutou com afincos durante toda a sua análise para fugir dos limites de seu extremo desapego emocional, tanto de si mesmo quanto dos outros”, escreve o autor. Em relação à sua mulher, aos seus filhos, à sua casa, ele tinha o “sentimento de não estar na foto” e, no entanto, acrescentava ele, “estou mesmo ali”. Tudo seguia a mesma direção, inclusive os sonhos, “cheios de imagens de pessoas paralisadas, prisioneiras e mudas” (Ogden, 2004, 754).

²⁴ Na acepção greeniana do termo, como vimos anteriormente.

²⁵ Um *texto oral*, a *fortiori*, de uma sessão analítica, é *envolvido* pelo infraverbal, até uma *música* ou mesmo uma *poética* (Meschonnic), podendo chegar a inverter o sentido *textual* imediato secundarizado. Aliás, é tornar ilusória a finalidade *científica* do registro – inclusive em vídeo – de uma sessão de análise. Sempre escapará alguma coisa, e não algo de menor importância, como as ressonâncias intersíquicas dentro do *par analítico*.



Da parte do analista, a contratransferência testemunhava que ele era longamente posto à prova. Sentia-se como que *enganado*, deixando-se levar pela aparente sinceridade dos esforços do paciente para falar com seu analista. Porém, progressivamente, quando o analista se deu conta de que se afastava de seu paciente por pensamentos fatuais “pragmaticamente justificados”, por exemplo, isso lhe serviu de alerta e o levou a conduzir o paciente para que este conseguisse dizer que “se sentia mais próximo de mim, não quando eu lhe dizia coisas que lhe pareciam corretas, mas, ao contrário, quando eu cometia erros, quando eu me *enganava*” (p. 756, grifos meus).

A partir daí, efetuou-se um movimento, historicizado, até chegar a um momento em que, *de repente*, pareceu ao analista que, para o seu paciente, a análise estava esgotada, falida, morrendo. Ele interveio nesse sentido, vindo a dizer, no fim, que o paciente lhe transmitia “a impressão de se sentir tão desesperadamente *sufocado*²⁶ nas sessões que isso devia ser como sufocar-se em algo que parecia ser ar, mas, na verdade, era um vácuo” (p. 757, grifos meus).

Então, “a voz do senhor L. [...] tornou-se mais forte e plena, como eu nunca tinha ouvido [...]”, escreveu T. Ogden. O paciente lhe disse: “Sim, durmo com as janelas bem abertas, com medo de *me sufocar* durante a noite. Acordo seguidamente apavorado com a ideia de que alguém esteja *me sufocando*, como se me colocassem um saco plástico na cabeça”. A continuação da sessão – assim como a sessão seguinte – é muito interessante, a partir dessa *guinada no tratamento analítico*, como se diz.

Minha intenção foi somente mostrar a complexidade linguageira, podendo levar a um verdadeiro tempo de *discurso*, que teve como pivô dessa *guinada*, verdadeira emergência processual através da contratransferência do analista, a palavra *sufocado*, que adquiriu um valor interpretativo. □

Abstract

Introduction to the round-table discussion on language

This article is a more detailed written piece of my oral presentation during the colloque *Tribute to André Green*, where I participated as mediator and debator between the post-Saussurian linguist Simon Bouquet and the post-Lacanian psychoanalyst Patrick Guyomard, both renowned interlocutors, specially in relation

²⁶ Tanto mais que parece ser um *significante* que surge primeiramente no analista.



Michel Ody

to André Green. The article intends to demonstrate or at least attempts to demonstrate how much André Green was profoundly involved, for a very long time, with the relation between psychoanalysis and linguistic. He was very demanding yet at the same time relentless, going through periods between hope and renouncement of a reciprocal creativity.

Keywords: psychoanalysis and linguistic, André Green and linguistic, Saussure, Lacan and linguistic, contemporary reassessment and linguistic.

Resumen

Introducción a la mesa redonda sobre el lenguaje

Este artículo es un desarrollo escrito más detallado de mi presentación oral durante el coloquio *Homenaje a André Green*, del que he participado como mediador y conductor del debate entre el lingüista post saussuriano Simon Bouquet y el psicoanalista post lacaniano Patrick Guyomard, ambos interlocutores de peso, principalmente junto a André Green. El artículo pretende mostrar o, en todo caso, intenta mostrar, cuánto estuvo André Green profundamente involucrado, desde hace mucho tiempo, con las relaciones entre psicoanálisis y lingüística. Era exigente, pero a la vez, no desistía, atravesando períodos entre renuncia y esperanza de una creatividad recíproca.

Palabras llave: psicoanálisis y lingüística, André Green y lingüística, Saussure, Lacan y lingüística, reevaluación contemporánea y lingüística.

Referências

- Bouquet, S. (2003). *Cahier de l'Herne, n° 76*. Paris : L'Herne.
———. (2002a). Saussure après un siècle, (pp.11-15). In: *Cahier de l'Herne n° 76: Saussure*. Paris : L'Herne, 2003.
———. (2002b). Psychanalyse et linguistique. Croisements et rencontres autour d'une crise du sens. In : C. Botella (dir.), *Penser les limites. Ecrits en l'honneur d'André Green* (dir. C. Botella) (pp. 87-101). Paris : Delachaux et Niestlé.
Botella, C. (dir) (2002). *Penser les limites. Ecrits en l'honneur d'André Green*. Paris : Delachaux et Niestlé.
Culioli, A. (2002). Un linguiste devant les textes saussuriens, (pp.137-149). In : Bouquet, S. *Cahier de L'Herne n° 76: Saussure*. Paris : L'Herne.



- Danon-Boileau L. (2007). La force du langage. *Revue Française de Psychosomatique*, 5, pp. 1341-1409.
- Danon-Boileau, L. (2012). *Voire l'autisme autrement*. Paris : Odile Jacob.
- Diatkine, G. (2005). Freud, Lacan, Green et le langage. In: *Autour de l'œuvre d'André Green*. Enjeux pour une psychanalyse contemporaine. Paris: PUF, pp.259-285.
- Freud, S. (1923). Le moi et le ça. In *Essais de psychanalyse* (pp. 177-234). Paris: Payot, Petite bibliothèque, 1968.
- Green A. (1973). *Le discours vivant*. Paris: PUF.
- . (1983). *Le langage dans la psychanalyse*. Paris : Les Belles Lettres.
- . (1984). *Le langage dans la psychanalyse*. Paris : Les belles lettres.
- . (1990). La Psychanalyse : Questions pour demain colloque SPP UNESCO , (pp.9-16 et pp.243-277), *Monographies de la Revue Française de Psychosomatique*. Paris : PUF.
- . (1997). Langage au sein de la théorie générale de la représentation. In *Du signe au discours, Psychanalyse et théories du langage*. Paris : d'Ithaque, 2011.
- . (2003). Linguistique de la parole et psychisme non conscient. In *Du signe au discours, Psychanalyse et théories du langage*. Paris : d'Ithaque, 2011.
- . (2005a). La voix, l'affect et l'autre. In: *Du signe au discours, Psychanalyse et théories du langage*. Paris : d'Ithaque, 2011.
- . (2005b). Négation. In : *Du signe au discours, Psychanalyse et théories du langage*. Paris : d'Ithaque, 2011.
- . (2007). Langue, parole analytique et absence. *Revue Française de Psychosomatique*, (5).
- . (2010). Théories du langage et psychanalyse. Hésitations et conclusions. In *Du signe au discours, Psychanalyse et théories du langage*. Paris: d'Ithaque, 2011.
- . (2011). *Du signe au discours, Psychanalyse et théories du langage*. Paris : d'Ithaque, 2011
- Guyomard, P. (2001). Dépasser le but initial. In Green, A. (Org.). *Courants de la psychanalyse contemporaine*, (pp. 319-333), numéro especial, 2001.
- . (2005). Place du langage dans la psychanalyse. In *Autour de l'oeuvre d'A.Green* (pp. 287-291), Paris, PUF.
- Lacan, J. (1964). *Le Séminaire, tome 11: Les Quatre Concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Paris: Seuil.
- Laplanche, J. (1997). Colloque de Cerisy. In J.-M. Salanskis, F. Rastier, R. Scheps (éds.), *Herméneutique: texts et sciences*. Paris: PUF.
- Ogden, T. (2004). Le tiers analytique. In *Revue Française de Psychosomatique* (3), 2005, p.754.
- Pirlot, G. & Cupa, D. (2012). Du langage dans la psychanalyse . In: A. Green, *Les grands concepts psychanalytiques*, (pp. 63-92). Paris: PUF.
- Prigonine, I. & Stengers, I. (1983). *La nouvelle alliance*. Paris: Gallimard.
- Rastier, F. (2002a). Le silence de Saussure ou l'ontologie refusée, (pp. 23-51). In Bouquet, S. *Cahier de L'Herne, n° 76: Saussure*. Paris : L'Herne.
- . (2002b). Interpréter : de la langue à la parole. In Bouquet, S. *Cahier de L'Herne, n° 76: Saussure*. Paris : L'Herne.
- Rey, A., Tomi, M., Hordé, T. & Tanet, C. (1998). *Dictionnaire historique de la langue française*. Paris: SNL, Le Robert.



Michel Ody

Saussure, F. (1996). Manuscrit de l'Orangerie. In Bouquet, S. & Engler, R. (2004). *Escrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.

Recebido em 19/02/2013

Aceito em 26/02/2013

Traduzido por **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Suzana Deppermann Fortes**

Michel Ody

72 rue Bonaparte

75006 Paris – França

e-mail : m.ody@wanadoo.fr

© Revista de Psicanálise – SPPA